

Bolha de crescimento aumenta crise

■ Experiências dos governos Figueiredo e Sarney mostram que o desenvolvimento inconsistente tem final desastroso

CRISTINA BORGES

A tese do desenvolvimentismo defendida dentro do PSDB é candidata de alto risco para repetir um filme antigo com final desastroso. Experiências recentes mostram que o efeito da produção de bolhas de crescimento dura dois anos, tempo suficiente para o PSDB se fortalecer para as próximas eleições, segundo mostra estudo do economista João Luiz Mascolo, professor da Faculdade do Ibmec.

O embate entre economistas ortodoxos e desenvolvimentistas se instalou dentro dos governos Figueiredo (1979-1985) e Sarney (1985-1989), com a vitória dos últimos. Os efeitos de crescimento da economia foram imediatos, só que tiveram curta duração e aprofundaram a crise do país.

Popularidade — A discussão volta num momento de popularidade muito baixa do presidente Fernando Henrique, agravada com o ataque direto do ex-ministro Clóvis Carvalho ao ministro Pedro Malan. Em vez de a briga se travar entre os ministros da Fazenda e do Planejamento, como nos governos anteriores, o bombardeio vem do PSDB, detonado por Luiz Carlos Mendonça de Barros, vice-presidente da Executiva Nacional e responsável pelo programa econômico do partido, e pelos governadores Mário Covas e Tasso Jereissati.

"Essa é uma história registrada. A pressão política vem de São Paulo, respaldada por economistas paulistas defendendo sempre a corrente imediatista, em prol da indústria e do comércio. A visão de longo prazo sempre é de um grupo de economistas apolíticos, do Rio de Janeiro", diz Mascolo.

Fantasma — Ele recorda que Horácio Lafer Piva não foi o primeiro presidente da Fiesp a bater no ministro da Fazenda, no caso, Pedro Malan. "É uma sensação de *déjà vu*. A peça é a mesma, só mudam os artistas. Afinal, ninguém aguenta fazer *O fantasma da ópera* durante 20 anos", ironiza Mascolo.

Um programa econômico de longo prazo, acrescenta, exige um trabalho de estabilização bem feito para trazer confiança no futuro, condição vital para investimentos na produção. É a lógica macroeconômica, chamada de desenvolvimento auto-susten-

tado, que começa pela maior oferta de produtos e bens, ensina Mascolo.

Capacidade ociosa — Já o modelo defendido pelos desenvolvimentistas parte da demanda por bens e produtos para promover uma bolha de crescimento, aproveitando a capacidade ociosa do parque industrial. Esse processo, afirma o economista, esgota-se rapidamente e deixa um rastro de redução da taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), de aumento dos riscos interno e externo e de explosão inflacionária.

Para a retomada do crescimento e absorção da mão-de-obra que a cada ano ingressa no mercado de trabalho, o economista aponta o cálculo de crescimento de 5% do PIB, ao ano, com investimentos na produção correspondentes a 25% do PIB. Nos dois últimos anos, no entanto, estão sendo investidos cerca de 20% do PIB, taxa influenciada pela privatização.

Saídas — Como financiar, rapidamente, investimentos de 25% do PIB (US\$ 190 bilhões)? As saídas são pela emissão de moeda, aumento de impostos ou crescimento da dívida interna, responde Mascolo. A primeira alternativa significaria a perda do controle da inflação, o que é incompatível com o casamento indissolúvel de Fernando Henrique com o real. Na segunda opção, a carga tributária beira 30% e já está emparelhada com a herança deixada pelo falso Plano Cruzado de 29,6%, em 1990. E o governo não tem muito espaço para brincar, diz Mascolo, se recorrer ao financiamento através do aumento da dívida pública interna, já equivalente a 50% do PIB.

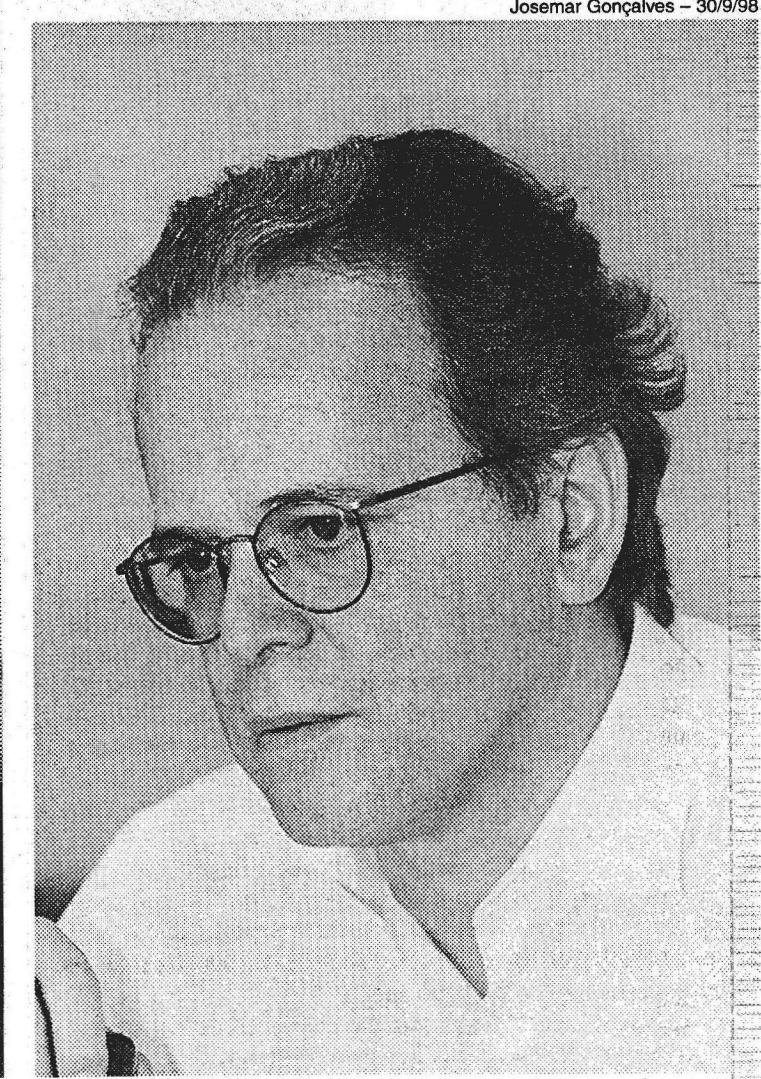
Mascolo adverte, ainda, para o risco de uma nova bolha de crescimento não produzir os mesmos efeitos das anteriores. "Como o processo é velho conhecido de todos, a solução desenvolvimentista pode ter um efeito menor ou até nenhum".

O ponto-chave para retomar o crescimento chama-se investimento, reforça Mascolo. "Para trazer de volta a decisão de investir na produção é preciso um programa que inspire confiança no futuro. A estabilidade viria com reformas estruturais, mas a descrença sobre sua execução aumenta em proporção à pressão política dos desenvolvimentistas", arremata.

Fonte: João Luiz Mascolo



Josemar Gonçalves - 18/12/1997

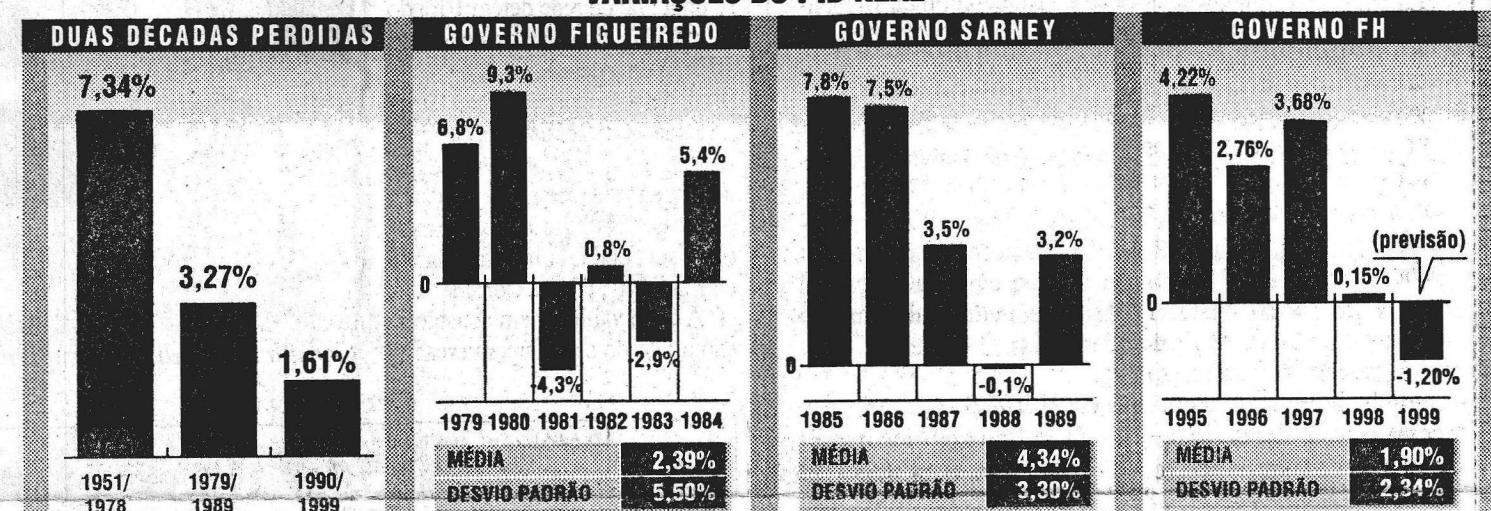


Josemar Gonçalves - 30/9/98

Malan (E) quer crescimento auto-sustentado e vem sendo atacado por Mendonça de Barros, que está entre os desenvolvimentistas

Arte JB

VARIACÕES DO PIB REAL



Reservas internacionais

Governo Figueiredo (1984)	US\$ 5 bi
Governo Sarney (1988)	US\$ 7 bi
Governo FH (1998)	US\$ 41 bi

Inflação

1978	45%
1984	225%

Inflação

1984	225%
1989	2.500%

Inflação

1994	916%
1999	8% (meta)